



PROJETO AROEIRA: PLANTANDO ESPERANÇA NO CENTRO DE BRASÍLIA¹

CAVALCANTI, Ana Luisa²; SCANDIUZZI, Beatriz³; MACIEL, Julia⁴

² Estudante de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, DF. cavalcanti.all@gmail.com

³ Psicóloga pela Universidade de Brasília, Brasília, DF. beatriz.scandiuZZI@gmail.com

⁴ Estudante de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, DF. juliat.maciel@gmail.com

RESUMO

O projeto Aroeira é um coletivo de saúde mental que busca associar o plantio agroecológico com o fortalecimento de redes de cuidado e empoderamento para indivíduos em situação de rua. Essa população é marcada pela vulnerabilidade social, inclusive decorrente de questões de gênero. A partir de 2018, foram realizadas visitas a uma área central de Brasília, onde foram desenvolvidas oficinas artísticas, de preparo do solo e plantio junto à população local. O objetivo dessas ações foi, a partir de uma perspectiva ecofeminista, criar um espaço seguro para vivências e trocas de conhecimento sobre as plantas e a vida nas ruas, a partir do qual foram construídas possíveis utilizações - alimentares, medicinais - das plantas nesse contexto. O projeto continua ativo e mais iniciativas têm aparecido na região para complementar nossas ações.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura urbana, ecofeminismo, redução de danos, população de rua.

INTRODUÇÃO

De acordo com as últimas estimativas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, em 2015, 101.854 pessoas vivem em situação de rua no Brasil (IPEA, 2016). Apesar das dificuldades em quantificar esta população, somada à falta de interesse público, sabe-se que as mulheres são a minoria.

A população de rua sofre preconceito, discriminação e muitas formas de violência, tendo seus direitos sistematicamente ignorados pela sociedade e pelo poder público. Segundo a cartilha de “Direitos das Pessoas em Situação de Rua”, do MPDFT, “as ações desenvolvidas pelo poder público devem alcançar a emancipação individual, como forma de resgatar a cidadania, promover direitos fundamentais e estimular a observância de deveres”.

A vulnerabilidade social e a invisibilidade proveniente da vivência de rua têm efeitos marcantes na saúde mental. Nesse contexto, o sexismo institucionalizado que coloca o corpo da mulher como objeto de exploração também está presente nas relações vivenciadas na rua. Assim, a vida na rua requer enfrentamentos cotidianos frente a situações como a violência e o uso de substâncias, e essas situações certamente impactam de forma diferente entre homens e mulheres. Por isso, destacam-se questões como a maternidade, contracepção e violência sexual como desafios que as mulheres nas ruas vivenciam constantemente.

¹ Trabalho vinculado como estágio psicólogo no departamento de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília, supervisionado pela professora Maria Inês Gandolfo.



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

Tradicionalmente, estudos e práticas de saúde mental focam no indivíduo de forma isolada. No entanto, a Psicologia tem retomado antigas concepções sobre o ser humano como integrante da natureza, ao invés de uma criatura isolada e acima de suas leis (CARVALHO, 2013). A Ecopsicologia sugere que há uma interdependência entre o bem-estar planetário e o pessoal, de forma que o sujeito desconectado da natureza não consegue atingir seu potencial de qualidade de vida (NORTON, 2009).

Há estudos que evidenciam benefícios à saúde proporcionados pelo contato com a natureza, como a redução da pressão cardiovascular, dos níveis de cortisol e da frequência cardíaca (TWOHIG- 1 BENNET; JONES, 2018), sintomas físicos relacionados à estresse e ansiedade. Sabe-se dos efeitos terapêuticos de praticar a jardinagem, e até mesmo de comparações entre a saúde mental do indivíduo que vive na cidade e aquele que habita no campo, sendo o primeiro mais afetado negativamente (LEDERBOGEN et al., 2011).

O entendimento de que somos ligados à teia da vida é um construto interdisciplinar, também traduzido como “cidadania planetária”. A expressão remete à ideia de que a real compreensão do valor da natureza leva ao seu maior cuidado, preservação (ZANETTI, 2017). A Agroecologia faz parte da cidadania planetária: o “prezar pela vida” se dá inicialmente cuidando do solo. Um solo saudável gera plantas saudáveis, de alto valor biológico e com necessidades baixas de defensivos agrícolas. Por sua vez, as pessoas que se alimentam dessas plantas obtêm tanto benefícios físicos quanto mentais. “Solo sadio, planta sadia, homem sadio” (PRIMAVESI, 2016).

Se somos seres holísticos e vinculados à saúde da Terra como um todo, o cuidado com o meio ambiente é também uma maneira de praticar o cuidado com a sua comunidade e, por consequência, consigo mesmo. Refletindo sobre estas dinâmicas de cuidado e empoderamento, surgiu o Projeto Aroeira, fruto de um estágio em psicologia clínica na Universidade de Brasília.

O nome faz alusão às características de resistência associadas à planta conhecida como Aroeira ou Pimenta-Rosa, que parecem combinar bem com a resiliência necessária na vida nas ruas, além de ser muito associada aos ciclos femininos. Inicialmente formado por três graduandas em psicologia, o objetivo do projeto foi unir conhecimentos de saúde e meio ambiente para realizar oficinas de plantio que promovessem a aprendizagem com a natureza e fossem fonte de empoderamento para todas as envolvidas.

Nosso objetivo é promover um ambiente de convívio, de contato direto com a natureza e seus ciclos, mesmo que em um meio altamente urbanizado; estimular a apropriação desse espaço, o cuidado de si e do outro (plantas, espaço, colegas) e o empoderamento da população para a utilização das plantas para suas diversas necessidades. Portanto, acreditamos que, através do cuidado, autonomia e o prazer das atividades, é possível contribuir para a ressignificação da lógica patriarcal de dominação e exploração dos nossos corpos e territórios.

Este último aspecto é simbólico para o ecofeminismo, no qual afirma-se que a destruição ambiental provém da mesma mentalidade machista que nega o direito da mulher ao próprio corpo e à sexualidade, pois em ambos os casos se reforçam sistemas de dominação e poder do capital como autoridade maior (SHIVA; MIES,



1997). Segundo Vandana Shiva, ao desafiar este paradigma patriarcal, estamos sendo leais com as futuras gerações, com a vida e o próprio planeta.

Escolhemos o Setor Comercial Sul, um dos principais centros comerciais e empresariais de Brasília, como área inicial das ações do coletivo. É um território muito movimentado, com um intenso fluxo de pessoas que circulam pelo comércio, trabalham na região e também pessoas em situação de rua. Há muitos problemas de saúde e de segurança, como o tráfico e abuso de drogas, sobretudo do álcool e do crack. É também lá que se encontra um Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas, o CAPS AD III.

Como grande parte das leis brasileiras, bonitas no papel e muitas vezes distantes da realidade, o Decreto Federal no 7053/2009 instituiu a Política Nacional para a População em Situação de Rua (BRASIL, 2009). As diretrizes das políticas para essa população são:

Art. 5o São princípios da Política Nacional para a População em Situação de Rua, além da igualdade e equidade:

I - respeito à dignidade da pessoa humana;

II - direito à convivência familiar e comunitária;

III - valorização e respeito à vida e à cidadania;

IV - atendimento humanizado e universalizado;

V - respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência.

Destacam-se, ainda, algumas diretrizes dessa política, com as quais se alinham as ações do coletivo Aroeira:

Art. 6o São diretrizes da Política Nacional para a População em Situação de Rua:

VI - participação da sociedade civil, por meio de entidades, fóruns e organizações da população em situação de rua, na elaboração, acompanhamento e monitoramento das políticas públicas;

VII - incentivo e apoio à organização da população em situação de rua e à sua participação nas diversas instâncias de formulação, controle social, monitoramento e avaliação das políticas públicas;

VIII - respeito às singularidades de cada território e ao aproveitamento das potencialidades e recursos locais e regionais na elaboração, desenvolvimento, acompanhamento e monitoramento das políticas públicas;

IX - implantação e ampliação das ações educativas destinadas à superação do preconceito, e de capacitação dos servidores públicos para melhoria da qualidade e respeito no atendimento deste grupo populacional; e

X - democratização do acesso e fruição dos espaços e serviços públicos.

Acreditamos que a contato com a natureza, de diferentes maneiras, pode ser importante fator de promoção à saúde, bem-estar e autonomia, uma vez que melhora o ambiente, o território, além de habilidades



como cuidado, responsabilidade, convivência entre a comunidade e conhecimentos de técnicas do cultivo. Pode ser também um importante fator de redução de danos, mesmo de tratamento para pessoas usuárias de substâncias químicas. Assim, buscamos ampliar o cuidado nesse território de maneira mais integral.

Por isso, plantar na cidade é, primeiramente, promover a integração entre a natureza e o concreto, além de ser um serviço ambiental. O solo fica mais permeável – evitando alagamentos, o microclima local é amenizado, reaproveitam-se resíduos e a biodiversidade, assim como conservam-se a água e o solo. Mas também o sujeito se beneficia amplamente: sabe-se da origem e da procedência das plantas consumidas. Gasta-se menos com a compra de alimentos e remédios, estimula-se a atividade física e o estresse é reduzido. Além disso, laços entre a comunidade são fortalecidos e alimentos são disponibilizados para quem não teria acesso a eles de outra forma. Em resumo, plantar no ambiente urbano é uma questão de empoderamento de todos que lá residem. (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2018).

Na rua, plantar em comunidade também significa deixar, ao menos temporariamente, de se envolver em outras atividades que podem gerar risco e aumentar as vulnerabilidades às quais essas mulheres estão sujeitas. Além disso, é uma possibilidade de fortalecimento de laços com outras mulheres com um objetivo em comum - o cuidado, consigo e entre si.

METODOLOGIA

As atividades do Projeto Aroeira ocorreram entre os meses de agosto de 2018 e janeiro de 2019, e foram realizadas com a participação de coletivos, dos moradores do território, de transeuntes, dos pacientes e alguns funcionários do CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas) III.

A primeira ação desenvolvida foi a oficina artística, na qual pneus e os muros dos canteiros foram pintados e decorados, com a participação ativa de cerca de 15 pessoas em situação de rua e frequentadores do CAPS. A ação provocou o interesse dos que passavam no local, e possibilitou convivência e conversas sobre as experiências com o plantio das mulheres que ali estavam. O primeiro canteiro foi feito em frente ao CAPS – também importante lugar de convivência dos moradores, conhecido como a Cracolândia do Plano Piloto, Garagem ou, ainda, como é chamado de forma pejorativa, "Buraco do Rato". Alguns dias depois, foi realizada a primeira ação de plantio nos pneus, no canteiro em frente ao CAPS. Escolhemos plantar primeiramente em pneus para verificar o interesse das pessoas pela atividade e ver como se daria o plantio de mudas em um local tão urbanizado, poupando algum tempo de preparo do solo. Por se tratar de uma região urbana com alta circulação de pessoas, foi necessária limpeza do espaço do canteiro, para recolhimento dos diversos tipos de lixo presentes nos locais. Em seguida, foram plantadas diversas mudas: manjeriço, hortelã, levante, babosa, alface, boldo, capim-santo, capuchinha, calêndula, cebolinha, dentre outras. Foram priorizadas PANCs e plantas medicinais.



Algumas semanas depois, houve a construção e o plantio de um segundo canteiro, maior, onde também foram plantadas PANCs e plantas medicinais, agora na terra. Nesse momento, a contribuição da população local foi ainda maior, contando com vinte pessoas. Tais atividades só foram possíveis por meio das parcerias feitas com outros coletivos: Tulipas do Cerrado, Mudar para Mudar, Horta Linda e Mangarandu.

Após o plantio, continuamos regressando ao local, tanto para a manutenção dos canteiros quanto do vínculo entre nós e a população local. Alguns deles se responsabilizaram por molhar e cuidar do ambiente criado em conjunto. Inicialmente, o foco esteve em criar um contexto de acolhimento que desse espaço à curiosidade, antes mesmo de iniciar uma conversa "forçosa" sobre o que se estava plantando. Em janeiro, foi realizada ação para apresentação de alguns usos das plantas dos canteiros. Algumas plantas foram colhidas, em conjunto com a população que estava em frente ao CAPS. Capim-santo, hortelã e levante foram escolhidas para fazer um chá. Capuchinha, alface e manjeriço completaram um sanduíche. Esse lanche foi compartilhado pela equipe de trabalho e por cerca de 20 pessoas da comunidade local. Em 2019, mais atividades estão programadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das premissas das quais partimos para concretizar as ações foi a necessidade absoluta de engajamento e participação da comunidade local - sem a qual não seria possível atuar sobre o território.

Apesar das aparentes dificuldades - como, por exemplo, conseguir uma autorização para trabalhar os canteiros - entendemos que, sendo do interesse da população que lá frequenta, seria possível realizar essas ações como uma construção conjunta entre universidade, coletivos e população.

A liderança popular do coletivo Tulipas do Cerrado, Juma Santos, foi fundamental para garantir o espaço de manifestação da população de rua e promover uma interação positiva e segura entre os coletivos e das pessoas presentes nas atividades. Juma atua há 17 anos como redutora de danos e sua presença nos auxiliou a reforçar os vínculos com as mulheres que conhecemos, além de conhecermos mais sobre suas histórias.

A cooperação foi marcante em cada etapa do projeto. Houve rotação das pessoas que estavam em cada dia - algumas marcaram presença em todos os encontros e continuam contribuindo para a manutenção dos canteiros. A média de participantes foi de 15 a 20 em cada encontro da atividade. Percebemos que o fato de estarmos na rua, fazendo atividades como plantio ou pintura, chama a atenção das pessoas, que logo se juntam para questionar e, frequentemente, colaborar.

Os momentos com tinta e de confecção de vasos a partir de pneus foram muito ricos. A população pôde tornar concretas cores, imagens e frases significativas ao pintar os pneus e muros daquele ambiente. Uma dupla, que escreveu "Deus é amor", acabou mergulhando na discussão sobre o gênero de Deus, e se não poderia ser escrito que "Deusa é amor".

A interação com as pessoas foi muito interessante. A atividade de plantar em conjunto proporcionou bons



momentos de troca de saberes, de troca de ajuda e mesmo de silêncio para os que preferem. Várias pessoas já tinham muitos conhecimentos relacionados a plantios, em decorrência das mais diversas experiências. O contato com a terra trouxe à tona várias memórias e associações com esses momentos. Muitas histórias foram compartilhadas, as quais permitiram também ressignificar o plantio e sua importância, além de colocar em prática antigos saberes. Trocamos várias informações sobre técnicas de cultivo e sobre formas de usar as espécies cultivadas. Um rapaz inclusive recebeu uma proposta de emprego depois de demonstrar engajamento e interesse com a atividade.

Ao voltar no local, moradores de lá, lojistas, transeuntes, o segurança e o médico do CAPS, diferentes pessoas nos abordaram pedindo que continuássemos as ações na região. De alguma forma, novos olhares foram trazidos para essa região e para as pessoas que moram ali e que estão cuidando do espaço em que vivem. Isso resultou também na atenção midiática que foi importante para conseguirmos recursos para o segundo canteiro. Esperamos algumas semanas entre a execução do primeiro canteiro e a do segundo. Além de pequenas adaptações circunstanciais, os princípios foram bem parecidos com o do primeiro canteiro, mas além do plantio, grafiteiros contribuíram deixando lindos desenhos no local, que remetem à natureza, à vida e a essa integração. Foram incluídas também placas de identificação no segundo canteiro. Cerca de 30 pessoas ajudaram no segundo dia de plantio e nem a chuva foi capaz de diminuir a empolgação dos que estavam com a mão na terra.

Embora tivéssemos muitas ideias e perspectivas no início do projeto, foi um ponto fundamental não chegar com nada construído e pronto, e, sim, ter uma construção coletiva de como e quando ocorreriam as ações, de quais plantas seriam colocadas ali de acordo com as necessidades apontadas e como ocorreria a manutenção dos jardins criados.

A atividade foi terapêutica para nós também. Colocar a mão na terra, pegar chuva e ver tanta possibilidade de mudança. Ver que a capacidade de contribuir para os espaços que ocupamos está literalmente nas nossas mãos. Ver que cuidando da outra, cuidamos de nós também. Foi relativamente simples tornar uma das regiões mais menosprezadas do DF mais verde e mais viva e, assim, trazer vida para o lugar, para seus moradores e todos que o ocupam de alguma forma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Aroeira tem sido grande fonte de aprendizado para nós - a busca de “ferramentas” para o bem viver nos desafia a sair da zona de conforto e buscar novos conhecimentos visando a multidisciplinaridade. As trocas de conhecimento sobre a realidade das mulheres na rua e sobre as plantas e seu cultivo saiu do âmbito acadêmico para uma realidade diária.

As atividades proporcionaram a criação de vínculos, uma rede entre os coletivos e as pessoas que conhecemos. Sentimos a necessidade de ampliar estas trocas a partir de atividades mais voltadas aos contextos



de vida das mulheres - atividades que estão em processo de elaboração desde o início de 2019.

A partir das primeiras oficinas de plantio, buscamos fazer do projeto Aroeira uma ponte para que mais conhecimento sobre as plantas e seus usos voltados à redução de danos alcançassem mais mulheres - o que pode ser inclusive uma via de profissionalização das mesmas como redutoras de danos, em parceria com as Tulipas do Cerrado.

A agroecologia e as dinâmicas de cuidado estão mais próximas do que inicialmente imaginamos: proporcionam a resignificação da cidade pelos que nela residem, quem quer que sejam. Dessa forma, a agroecologia pode ser importante ferramenta de redução de danos e de promoção de saúde, empoderamento.

Os canteiros continuam ativos desde o início das atividades do Aroeira, com a participação daquelas e daqueles que se apropriaram desta proposta e consideram o local importante para si e as outras e outros. A natureza e seus ciclos têm nos inspirado a continuar nossas atividades, sempre focando no empoderamento que juntas podemos alcançar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto no. 7053**, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Presidência da República - Casa Civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm. Acesso em: 07 jan. 2019.

CARVALHO, M. **De Frente para o Espelho**: Ecopsicologia e Sustentabilidade (Tese de doutorado). Brasília: Universidade de Brasília, 2013. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Estimativa da População em situação de rua no Brasil**. 2016. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/26102016td_2246.pdf. Acesso em: 25 jan. 2019.

LEDERBOGEN, F., HADDAD, L., STREIT, F., TOST, H., SCHUCH, P., WUST, S., PRUESSNER, J. C., RIETSCHHEL, M., DEUSCHLE, M., & MEYER-LINDENBERG, A. **City living and urban upbringing affect neural social stress processing in humans**. *Nature*, 474, jun., 2011.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Pequeno Guia prático para a agricultura urbana**, 2018. Disponível em: <http://www.guiaagriculturaurbana.com.br/files/Cartilha-Agricultura-Urbana.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

PRIMAVESI, A. **Como conhecer o solo e sua saúde**. Manual do Solo Vivo. São Paulo: Expressão Popular. 2016. 2a edição, 9 - 22).

SHIVA, V; MIES, M. Introdução. In: SHIVA, V; MIES, M. (org.). **Ecofeminismo**. 1a edição. Lisboa: Edições Piaget. 1997. 1-22.

TWOHIG-BENNET, C.; JONES, A. **Health Benefits of the Great Outdoors**: a systematic review and meta-analysis of green space exposure and health outcomes. *Environmental Research*. 166, out., 2018.

ZANETI. **Educação ambiental e cidadania planetária**. In: PULINO, L. H. C. Z. (org.). Educação em e para os direitos humanos. Brasília: Paralelo 15. 2017. Volume II, 161-183.